

SILVA, Carlos Alberto Ferreira. **Sentir a cidade: uma investigação sensorial do encenador/performer.** Salvador: Universidade Federal da Bahia. Pós-Graduação em Artes Cênicas, Doutorado, Orientador: Gláucio Machado Santos. Professor, Encenador, Produtor.

RESUMO

O presente trabalho parte das inquietações que serão desenvolvidas no doutorado em Artes Cênicas, apresentando como tema, questões acerca do encenador e do espaço urbano. Sendo assim, o projeto intitulado *A cegueira na cidade: uma abordagem compreensiva do encenador/performer* busca, na função do encenador, um agente que é criador e interventor no espaço urbano, de tal maneira que o trabalho se desenvolva através de um viés sensorial. Para valer desses questionamentos que, atualmente, a cidade emerge, buscam-se através das teorias de Renato Cohen, Olivier Mongin e de Michel de Certeau, meios para repensar a cidade que é tão midiática e adepta ao concreto, aos prédios, aos diferentes níveis de estruturas de calçada e rua, aos *designers* informativos e *outdoors*. Em vista disso, a proposta perpassa por sentir este lugar de uma maneira *cega*, ou seja, revelar as cegueiras que estão imersas nesta lógica de ocupação e apropriação da cidade, não apenas numa análise teórica, mas na ação investigativa e criativa a partir do estímulo do encenador/performer nas ruas da cidade.

Palavras-chave: Cidade; Encenador; Performer.

RESUMEN

El presente trabajo parte de las inquietudes que se tratarán en el Doctorado en Artes Escénicas, cuyo tema aborda cuestiones alrededor del director y el espacio urbano. Así, el proyecto titulado *La ceguera en la ciudad: una aproximación comprensiva del director/performer* busca, en la función del director, un agente creador e interventor del espacio urbano, de tal manera que el trabajo se desarrolle a través de una perspectiva sensorial. Para dar cuenta de esos cuestionamientos que en la actualidad emergen en la ciudad, se busca, a través de las teorías de Renato Cohen, Olivier Mongin e Michel de Certeau, medios para repensar la ciudad, tan dada al concreto, a los edificios, a los diferentes niveles de estructuras de pavimento y calle, a los diseñadores informáticos e al outdoor. En vista de esto, la propuesta intentará sentir este lugar de manera ciega, o sea, revelar las cegueras que están inmersas en esta lógica de ocupación y apropiación de la ciudad, no solo como análisis teórico, sino como acción investigativa y creativa a partir del estímulo del director/performer en las calles de la ciudad.

Palabras clave: ciudad; director; performer.

A presente pesquisa parte de inquietações acerca do fazer teatral, sobretudo, do experimentar. Em vista disso, a proposta deste texto, baseado na pesquisa de doutoramento, integra a realização de um processo artístico-teórico de intervenções performativas, tendo como ponto de partida a cidade enquanto elemento de vivência e a “cegueira” como experimentação dessas intervenções. Assim, o sujeito e pesquisador deste projeto torna-se performer de suas ações, mas também encenador das intervenções.

A inquietação que move este projeto de doutorado iniciou-se através de uma vivência artística com cegos no interior de São Paulo, na cidade de Itapetininga. *Tecendo a Nossa História*, nome do documentário, partiu de uma proposta artística e educacional, cujo intuito era de interação entre o teatro, o audiovisual e as mídias digitais, e no qual os participantes da cidade de Itapetininga (crianças, adolescentes, jovens e adultos, residentes da Zona Rural e da Zona Urbana) teceram as memórias da cidade a partir de suas vivências. Justamente, neste encontro que os cegos do Centro de Pesquisa e Reabilitação Visual de Itapetininga participaram, não apenas como interlocutores, mas filmando a cidade e trazendo para o documentário uma perspectiva diferenciada de *sentir* a cidade, a fim de compreender a urbe por meio de outras experimentações para além da visão.

Valendo-se dessa experiência, o estudo do doutorado visa, sobretudo, pesquisar a cidade de Salvador através de uma vivência sensorial, adotando a supressão temporária da visão como estratégia para intensificar a percepção dos outros sentidos. Em vista disso, o sujeito desta pesquisa torna-se também participante ativo da presente vivência, pois será através de uma experiência sensorial de supressão da visão que o pesquisador experimentará a cidade por outro viés. Mais do que tatear a cidade, visa-se intensificar os sentidos por meio de situações que são incomuns para o transeunte, de tal maneira que a cidade possa ser sentida através da estimulação de diferentes sentidos.

É por isso que, no presente momento, opto por trazer a função do encenador como um dos elementos desta investigação, visto que o encenador se apresenta como um dos correspondentes da arte e um dos responsáveis por proporcionar a criação de novas funções e estéticas, tais como trazer para a cena uma característica autoral, estendendo as experimentações para além de uma única fronteira. Entende-se aqui que a função do encenador no trabalho da cena teatral vai além da aglomeração das atividades; mais que isso, ela está na junção de signos que o caracterizam como inovador na encenação. Tal inovação encontra-se associada aos avanços dos recursos teatrais, partindo não só de características da cena, mas também dos meios de recursos para a viabilização de suas ideias.

Assim, como princípio estético de seus trabalhos, o encenador busca escrever suas ideias, de multiplicidade signíca, através da cena. Desta forma, o ofício do encenador abrange o entendimento dos diversos componentes da cena: o trabalho do ator; as questões sonoras e musicais; as noções de espaço, tempo e ação; os textos dramáticos, jornalísticos e outras formas de criação literária; um amplo conhecimento sobre o palco, ainda que sejam espaços não convencionais; a inserção de diferentes linguagens artísticas em

uma mesma apresentação; a presença de questões autorais, que são, a princípio, referentes a seus próprios ideais, na busca de imprimir na cena suas perguntas e/ou respostas relacionados ao contexto contemporâneo; as discussões interculturais; a relação entre ator/encenador; a heterogeneidade entre as funções, dentre outros temas que acompanham o processo do encenador.

É justamente neste lugar que a pesquisa se insere, a partir da premissa de que todas essas afirmações fazem parte do trabalho do encenador. No entanto, o interesse atual é fazer com que esses dizeres possam ser experimentados pelo próprio encenador, tendo a cidade como o palco dessa vivência sensorial. Pode-se, assim, trazer uma junção de encenador e performer para sentir essa experiência por meio do fazer. Renato Cohen compreende a função do encenador como o diferenciando do entorno, de modo a destoar de uma estrutura artística que apenas sirva como reprodutora das obras literárias/dramatúrgicas. Sendo assim, Cohen considera o teatro do encenador como um *teatro alternativo* e, complemento, *experimental*, entendendo-o como o responsável por “decidir o processo de criação e a linguagem a ser utilizada: se mímica, se ritual, se drama, se teatro de bonecos” (COHEN, 2009, p. 100). Segundo esse pensamento, o encenador tem autonomia para decidir os métodos de preparação, bem como para experimentá-los e até mesmo desconstruí-los, além de eleger suas temáticas próprias e com distintas formas de apresentação desse ideal.

O teatro do encenador torna-se, portanto, o responsável por modificar um processo hierarquizador, oriundo dos métodos tradicionais do teatro, cujas “obediências” eram pautadas por uma visão rudimentar de reprodutibilidade da obra. Neste atual momento, essas fronteiras são fluídas, o que há de diferença em metodologias e modelos de trabalho fazem parte de uma composição e de uma funcionalidade que congrega diferentes artistas e diferentes áreas para compor uma obra em processo. É partindo da minha experiência de encenador e performer, que proponho a realização da pesquisa teórico-prática na cidade de Salvador, entendendo-a como palco para essas vivências sensoriais, que culminará em performances e espetáculos.

A poética de um espaço urbano é compreendida pela sua amplitude e informações, que corresponde a uma lógica contemporânea, na qual “a cidade” tornou-se um espaço massivo das revoluções tecnológicas, que sem dúvidas, em diversos momentos, melhoram a vida do sujeito ocupante. Entretanto, em outros momentos instaura um caos movido pelo inchaço urbanístico, que envolve desde o número massivo de carros, à poluição visual, ao montante expressivo de apartamentos, casas, empresas, escolas e comércios ocupando os diversos espaços da cidade. Essas ocupações, de certo modo, fazem com que o sujeito delimite o campo de vivência e de percepção em relação ao todo que compõe uma cidade; além disso, o sujeito resume-se em eleger alguns monumentos para apreciar ou, em função da quantidade, nem isso ocorre, no caso de um vidente. O que se sugere, nesta vivência doutoral, é justamente dar ênfase a esses inúmeros elementos existentes na urbe, intensificando-os através da exploração dos outros sentidos na cidade.

Assim, para compreender a situação real de uma cidade, de acordo com Olivier Mongin, “a cidade é uma mistura de mental e de construído, de imaginário e físico. Ela remete ao mesmo tempo à matéria, ao construído, e as relações entre os indivíduos que, coincidindo mais ou menos bem, fazem dela, ou não um sujeito coletivo” (MONGIN, 2009, p. 23). A cidade é um espaço para o coletivo, é um lugar de vivência, experiência e intervenção, onde há a necessidade de se enquadrar em uma lógica estrutural, que é interferida pelos engenheiros e arquitetos que a compõem.

A ideia de cidade que norteará a pesquisa, pauta-se no pensamento de Mongin,

A cidade entendida como experiência urbana é polifônica. Ela é primeiramente uma experiência física, a marcha do corpo dentro de um espaço onde prevalece a relação circular entre um centro e uma periferia. A experiência urbana é, depois, um espaço público onde corpos se expõem e onde se pode inventar uma vida política pelo viés da deliberação, das liberdades e da reivindicação igualitária. Mas a cidade é também um objeto que se observa, a maquete que o arquiteto, o engenheiro e o urbanista têm diante dos olhos, uma construção, até mesmo um maquinário, submetida de imediato aos fluxos da técnica e ao desejo de controle [...] (MONGIN, 2009, p. 30).

Assim, da mesma forma que existe uma instauração de um corpo que prevalece dentro de um espaço, podendo inventar e reinventar ações para uma mesma cidade; existem aqueles que intervêm sobre ela de forma física, que sendo performática, já produz abstração dos sentidos. Neste sentido, buscando uma ideia comum à apresentada por Mongin, essa lógica espacial é alterada também através do viés artístico, na medida em que os artistas se tornam interventores no próprio espaço, não apenas ocupando, mas reinventando e reconfigurando uma lógica que desperta a desterritorialização do espaço urbano.

Partindo dos limiares onde cessa a compreensão sobre a cidade, este espaço é ocupado pelos caminhantes, pedestres, em que o corpo obedece aos cheios e vazios dos “versos” urbanos, que muitas vezes os escreve sem poder lê-los. De acordo com Michel de Certeau, os corpos jogam com espaços que não se vêem, pois costumam uma rotina, passando de uma rua a outra sem identificar as percepções presentes no próprio espaço, “os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada” (2009, p.159).

Deste modo, para compreender essa vivência performática que envolve o espaço urbano e que muito transforma os corpos em servidores de uma rotina, apresento este corpo do artista para experimentar este espaço do transeunte, tendo em vista que ele produz uma ação perspicaz de intervir e dialogar com a situação, apresentando suas questões políticas e estéticas, função esta presente no encenador, como também, no performer.

Para Glusberg, “o performer atua como um observador, na realidade, ele observa sua própria produção, ocupando o duplo papel de protagonista e receptor do enunciado (a performance)” (GLUSBERG, 1987, p. 76). Para Renato Cohen, a compreensão inicia-se com a junção das duas funções, sendo elas responsáveis por realizar a encenação, “como a figura do *performer* geralmente coincide com a do encenador, este trabalho de construção está integrado com as mídias utilizadas no espetáculo, que são as mais diversas possíveis: dança, vídeo, esculturas, instalações, *slide*, retroprojeção, holografia, neon, manequins, etc” (COHEN, 2009, p. 106).

A figura do encenador/performer é a responsável por escrever a poesia da cena, entendendo-a como esse sujeito/artista/pesquisador da encenação, que é uma noção de trabalho a partir da junção de diversos elementos cênicos, em prol de um acontecimento artístico (COHEN, 2009, p. 106-7); tal como, poeta do espaço urbano, responsável por entender que “a experiência urbana é multidimensional, ela desenvolve um processo poético, um espaço cênico e um espaço político; ela orquestra, portanto, relações originais entre o privado e o público” (MONGIN, 2009, p. 39).

Portanto, é neste viés de identificar a ambiência do espaço urbano a partir da intensificação dos outros sentidos que esta pesquisa atualmente delinea-se. Em vista disso, o sujeito/pesquisador/artista participa deste processo de experimento e criação, principalmente, por entender a cidade como um complexo visual. Por fim, trago a pergunta incessante que está latente como guiadora deste trabalho: Seria possível uma cidade mais sensorial do que visual? Se sim ou se não, são indicativos de práticas, vivências, reflexões e experimentações artísticas na cidade, o que de certo modo está a acontecer.

Referências:

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COHEN, Renato. **Work in progress na cena contemporânea: criação, encenação e recepção**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 5. Rio de Janeiro: ed.34, 1997.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MONGIN, Olivier. **A condição urbana: a cidade na era da globalização**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SILVA, Carlos Alberto Ferreira. **Grupo Teatral Ponto de Partida: Encenação e Produção**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador - BA, 2014.